



ESPORTE E CAPITALISMO

Felipe Jombra Corrêa¹ ; André Ricardo Oliveira²

1. INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje, mais do que nunca, o esporte tem sido levado a um patamar social contraditório. De um lado têm-se suas práticas respaldadas pela dimensão cultural em seu sentido mais amplo. Por outro lado, é mercadoria. Sobre este segundo aspecto, há uma dificuldade maior de identificá-lo. São várias as contradições inerentes a ele. As estratégias são as mais diversas possíveis, como a criação de uma cultura esportiva capaz de atrair o interesse de participar ativamente da vida social (SILVA, 1991; PIMENTA, HONORATO, 2010).

Conforme afirma Marinho (2010, p.23):

É lógico que o esporte não é o responsável pela saúde da população. Ao Estado cabe essa tarefa. Mas a prática de atividades físicas participa do processo, sem dúvida. Mas de qual forma? Treinando meninos desde os dez anos para irem para a Europa e ficarem ricos jogando bola? Quantos brasileiros atingem esse ponto? E mais. A que custo esses

1 Aluno do Instituto Federal Catarinense – câmpus Videira. Curso de educação profissional técnica de nível médio integrado em Eletroeletrônica. E-mail: jombrfelipe11@gmail.com

2 Professor Orientador EBTT do Instituto Federal Catarinense – câmpus Videira. E-mail: andre.oliveira@ifc-videira.edu.br

garotos ficam mais fortes para melhorar desempenhar suas atividades atléticas? Mesmo descartando-se a questão dos anabolizantes, resta o sobretreinamento, para que o resultado surja mais rápido. Músculos, articulações e tendões destroçados, tudo em nome do lucro, que é a lógica do capitalismo. É bom lembrar que os atletas que moram no Brasil passam pelo mesmo processo. Isso da saúde? Não, mas alimenta projetos que buscam talentos. As escolas e escolinhas esportivas são as maiores vítimas. Ou melhor, as crianças são as maiores vítimas

É possível identificar que o esporte está longe de ser praticado com todos os benefícios que pode oferecer. Isso porque, numa sociedade capitalista, em todas as esferas de atividades, a finalidade será contribuir com a manutenção da sociedade burguesa. Por meio do uso da Educação Física Escolar o esporte foi usado para manipular a sociedade em favor do Estado, contribuindo para uma ofuscação do interesse da classe trabalhadora por política, economia, educação, etc. (OLIVEIRA, 2006; DCE, 2008; MELLO, 2009).

De acordo com Marinho (2010, p.25)

Visto no conjunto de bens produzidos socialmente, o esporte ainda está longe de atender às demandas do coletivo. Isso porque esse Estado que aí está é burguês, só atendendo a interesses da classe dominante e a uma determinada faixa (pequena) das chamadas classes médias. Quase ninguém. A grande massa fica jogada à própria sorte, esperando uma ou outra iniciativa de caráter assistencialista.

Assim, este estudo de natureza bibliográfica, tem como objetivo investigar a relação do esporte com a reprodução do capitalismo, procurando refletir sobre a importância da compreensão, mesmo em linhas gerais, do funcionamento desta sociedade para relacioná-la com uma abordagem do esporte de maneira reflexiva fundamentada em suas transformações históricas.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS (materiais e métodos)

A presente pesquisa se caracteriza por ser de natureza bibliográfica. Buscou-se percorrer um percurso investigativo que possibilitasse algumas inferências quanto ao tema estudado. Isso em função das características desse trabalho de iniciação científica.

Os critérios foram definidos inicialmente pelo pesquisador em conjunto com seu orientador. A escolha do material bibliográfico foi definida a partir dos posicionamentos teóricos acerca da realidade social, em especial, fundamentados no Materialismo Histórico. A pesquisa se deu em fontes que confrontam a atual forma de organização da sociedade e que compreendem o Esporte em sua essência.

O período de levantamento bibliográfico e fundamentação teórica se deram no ano de 2013. Neste ano, tivemos a alteração do aluno/bolsista, e a conclusão da pesquisa com a análise do material pesquisado.

Desse modo, respeitando o procedimento metodológico escolhido, e obtendo subsídios suficientes para uma análise, dividimos o trajeto da pesquisa em três etapas. São elas: levantamento do material bibliográfico; teste do instrumento para levantamento das informações; levantamento das informações (MINAYO, 2001).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com os dados obtidos por meio do levantamento bibliográfico, foi possível fundamentar teoricamente a discussão que segue.

Marx e Engels (2007, p. 93), em *Ideologia Alemã*, apontam para a necessidade de entender a sociedade a partir de sua base material e não idealmente, como segue:

O fato é, portanto, o seguinte: indivíduos determinados, que são ativos na produção de determinada maneira, contraem entre si estas relações sociais e políticas determinadas. A observação empírica tem de provar, em cada caso particular, empiricamente e sem nenhum tipo de mistificação ou especulação, a conexão entre a estrutura social e política e a produção. A estrutura social e o Estado provêm constantemente do processo de vida de indivíduos determinados, mas desses indivíduos não como podem aparecer na imaginação própria ou alheia, mas sim tal como realmente são, quer dizer, tal como atuam, como produzem materialmente e, portanto, tal como desenvolvem suas atividades sob determinados limites, pressupostos e condições materiais, independentes de seu arbítrio. A produção de idéias, de representações, da consciência, está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real.

É neste sentido que para conseguir apreender, de maneira coerente, a compreensão de qualquer objeto, o caminho a seguir se dá pela compreensão da base material na qual este objeto está inserido.

Nesse sentido, conforme Lazarini (2010, p.34):

É por isso que sob o predomínio decisivo da relação social capital – e o modo de produção capitalista é a expressão histórica mais densa e radical desse predomínio – as particularidades histórico-concretas não podem ser radicalmente compreendidas sem que sejam levadas na devida consideração a base econômica que as determinam “em última instância”. Isso porque, qualquer que seja o país, a região, etc. em que as relações de produção de caráter especificamente capitalista são determinantes, todos os complexos sociais são direta ou indiretamente afetados por elas, tal qual é o caso da educação formal.

Marx (1987, p.74), argumenta que com a luta de classes, a classe dominante criou diversos mecanismos de dominação social a fim de conter a classe trabalhadora:

Com efeito, cada nova classe que toma o lugar da que dominava antes dela é obrigada, para alcançar os fins a que se propõe, a apresentar seus interesses como sendo o interesse comum de todos os membros da sociedade, isto é, para expressar isso mesmo em termos ideais: é obrigada a emprestar às suas idéias a forma de universalidade, a apresentá-las como sendo as únicas racionais, as únicas universalmente válidas (MARX,1987).

Uma das estratégias da classe dominante foi a de manipular a classe trabalhadora, fazendo-a acreditar que seus interesses são os mesmos. Naturalizando assim as relações sociais e a luta de classes. Dessa forma, a manutenção da sociedade aconteceria sem maiores problemas (MÉSZÁROS, 2005; COSTA, 2007).

As atividades esportivas se dispersaram pelo mundo, sobretudo nas aulas de Educação Física de maneira fragmentada, reacionária e descontextualizada, atingindo principalmente a cultura da população assalariada como elemento de preparação física para a mão-de-obra e distração política (PIRES, 1998; DCE, 2008; MELLO, 2009).

O esporte é um elemento integrante das mudanças econômicas. Como afirma Pereira (2009, p.229-230):

A complexidade e amplitude do esporte, suas relações, notadamente econômicas, se revelam com as instituições características que se desenvolvem em decorrência da prática e da popularidade desportiva. E, se por um lado são produto direto dos fenômenos culturais, por outro lado influem, mormente o aspecto sócio-econômico, no que foi motivo de sua existência.

Com o passar dos anos e com a complexificação das relações sociais, a estrutura capitalista transformou o esporte em um ótimo ramo de negócios para a economia. Desse modo, a padronização das práticas esportivas e o estabelecimento de suas regras de maneira rígida, sem possibilidades de qualquer contestação ou reflexão, contribuem para a desmobilização de resistências por parte da classe trabalhadora, onde questionar e quebrar regras

são ações que impedem a organização e o crescimento social (BRACHT, 1992; PILATTI, 2006; VILAÇA, 2008).

Apesar de sua natureza cultural como defende os discursos políticos, o esporte moderno atingiu proporções que o dimensionam como uma manifestação que exerce forte influência sobre as ações individuais e sociais dos indivíduos (GIOVANNI, 2005; COSTA, 2007; DCE, 2008).

O Esporte utilizado de maneira particular na década de 1970, no Brasil, período em que a ditadura militar demonstrava sua autoridade e deixava marcas incuráveis na história. Nas palavras de Castellani Filho (2011, p. 91):

No que diz respeito ao Esporte, sua capacidade de catarse, de canalizar em torno de si, para seu universo mágico, os anseios, esperanças e frustrações dos brasileiros, foi imensamente explorada. A lembrança do '[...] Noventa milhões em ação, prá frente Brasil, salve a seleção!', numa verdadeira ode à 'corrente prá frente', ainda está bastante, e hoje dolorosamente, viva 17 anos passados [...] - apologistas de uma postura cívica exacerbadamente alienada, patológica – que vieram os odientos crimes políticos cometidos, voluptuosamente, pelos aparelhos repressivos – estatais e paraestatais – num ritmo e forma poucas vezes presenciados na história política da sociedade brasileira.

Nesse período, o esporte ocupou um espaço peculiar no Brasil. Sua prática passou a ser incentivada e a Educação Física se tornou uma das principais responsáveis por sua veiculação. O Esporte, entendido no desenvolvimento histórico do modo de produção capitalista, encontra-se entre os elementos utilizados para contribuir com o processo de alienação da população.

Entendemos então que o esporte é um mecanismo de dominação social que atua como elemento de ofuscação da realidade do país. A mídia, porta-voz das políticas o traz como elemento de igualdade e bem-estar social capaz de trazer oportunidades para uma vida melhor e mais digna. É dessa forma que são difundidos e reproduzidos os valores morais e de cidadania defendidos por

uma minoria economicamente dominante e o seu uso político para esta realidade (ALVES, 2007; MELLO, 2009; MATOS, 2009).

O Estado continua a incentivar os esportes para que continuem como práticas sociais e escolares distrativas utilizadas para afastar os trabalhadores e alunos da compreensão concreta da realidade, isto é, discurso de inclusão para ocultação do real. Assim, incrementam a extorsão da força de trabalho, à medida que o trabalhador fisicamente saudável produz mais no mesmo lapso de tempo se cansando menos, acreditando no individualismo e competitividade para promoção, sobretudo financeira (GIOVANNI, 2005; FREITAS, 2008).

Logo, o Esporte teve seu valor cultural deixado em segundo plano, senão desprezado por completo quando assumiu a função de conformador social enquanto educador e de mercadoria de consumo enquanto espetáculo para as grandes massas (GIOVANNI, 2005; ALVES, 2007).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Esporte, apropriado para atender as necessidades e interesses do sistema capitalista, surgiu com a prerrogativa de melhorar o funcionamento biológico, fisiológico e/ou cognitivo dos homens. No entanto, aderir aos anseios do sistema de manter os ânimos acalmados e conformados com a realidade vigente era o seu objetivo principal (BRACHT, 2000).

A constatação da Alienação no Esporte só pode ser compreendida quando relacionada ao modo de produção capitalista, que pressupõe uma Alienação mais ampla. O Esporte, como qualquer outro complexo social, tem sido usado na mesma lógica de funcionamento da sociedade das mercadorias, buscando o lucro como objetivo primordial do trabalho humano.

Conclui-se, portanto, que o Esporte na sociedade do Capital, só terá valor enquanto mercadoria. Toda sua potencialidade benéfica ao ser humano de forma integral ficará relegado há um segundo plano. O que se poderá, em

casos raros e específicos, é ter alguns exemplos de toda sua capacidade cultural, física e social.

5. REFERÊNCIAS

ALVES, D. **O esporte e lógica capitalista**. Tese de Mestrado. Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, 2007.

BRACHT, V. **Esporte, estado e sociedade**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. V.10, n.2, p. 69-73, 1992.

GIOVANNI, G. **Mercantilização das práticas corporais: o esporte na sociedade de consumo de massa**. Revista Gestão Industrial. V.1, n.1, p. 146-155. Jan-Mar. 2005.

MARX, K. **Para a crítica da economia política**. In Marx. Coleção Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1987.

MATOS, A. R. **Da alienação e o exercício da profissão docente: primeiras aproximações conceituais, localização e possibilidades de superação dessa problemática na contemporaneidade**. VI Colóquio de pesquisa sobre Instituições Escolares. Agosto, 2009.

MELLO, R. A. **A necessidades histórica da Educação Física na Escola: a emancipação humana como finalidade**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

MÉSZÁROS, I. **A Educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MINAYO, M. C. Ciência, técnica e arte: o desafio da Pesquisa Social. In: _____. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 09-30.

OLIVEIRA, C. B. **Aproximações exploratórias sobre Educação, Educação Física e sociedade: adversidades de um currículo**. Tese de mestrado. Universidade de Campinas, 2006.

PARANÁ, Secretária de Estado e Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Física para a Educação Básica**. Curitiba, 2008.

PARANHOS, M; NEVES, B. M.; SILVA, S. A. **A desumanização do trabalho na virada do século**. Trabalho Necessário. N.6. 2008.

PIMENTA, T.; HONORATO, T. **Esporte moderno e mediação pedagógica nas aulas de Educação Física**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. V.24, n.4. p.493-5050, out/dez. São Paulo, 2010.

SILVA, A. M. **Esporte-espetáculo: a mercadorização do movimento corporal humano.** Dissertação de Mestrado. Universidade federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1991.